

**A TRISTE VIDA E ÉPOCA DE UM INFORMANTE DO FBI  
E OUTRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A GUERRA FRIA:  
ENTREVISTA COM DANIEL LEAB**

**THE UNHAPPY LIFE AND TIMES OF A FBI INFORMANT  
AND OTHER CONSIDERATIONS ABOUT THE COLD WAR:  
AN INTERVIEW WITH DANIEL LEAB**

Michelly Cristina da Silva\*

“A História, apesar de sua terrível dor, não pode ser desvivida, mas, se encarada com coragem, não precisa ser vivida de novo.”

Maya Angelou. Ainda assim, eu me levanto. [Still I rise]. Citação de Daniel J. Leab.

Daniel Josef Leab é desde 1975 professor adjunto no Departamento de História da *Seton Hall University*, situada no estado de Nova York. Nascido em Berlim, na Alemanha, em 29 de agosto de 1936, ele se graduou pela Universidade de Columbia em 1957 e após um período de dois anos cursando a faculdade de Direito de Harvard, retornou à instituição para realizar seu mestrado (1960) e doutorado (1969). Em sua tese de doutoramento Leab, estudou as origens da associação de jornais americanos. O texto final foi publicado ainda em 1970 pela Columbia University Press com o título *A Union of Individuals: the formation of the American Newspaper Guild, 1933-1936*.

Leab iniciou sua carreira acadêmica ainda na Columbia em 1966, primeiro como professor membro do Departamento de História, chegando a posição, anos depois, de vice-reitor nesta universidade. Em 1975, ele se mudou para a *Seton Hall University* a convite de seu pró-reitor, John Duff,

---

\* Mestranda no Programa de História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH - USP) e bolsista do CNPq.  
E-mail: michellycristina@gmail.com

para coordenar o programa de pós-graduação em Estudos Americanos. Desde então o professor Leab tem se dedicado a ministrar disciplinas nos cursos de graduação e pós, à publicação de diversos artigos e livros em diferentes áreas da história contemporânea dos Estados Unidos e à participação no corpo diretivo de publicações acadêmicas, tais como o cargo membro do conselho editorial da revista *Labour History* e de coordenador da revista *American Communist History*.

Figuram entre seus interesses de estudo e áreas de publicação a história do trabalho, a história nos filmes e a história do FBI e da CIA durante a Guerra Fria. Entre os seus trabalhos que utilizam obras filmicas como fontes de estudo, o pesquisador deu destaque para os chamados “filmes anticomunistas”, produções norte-americanas que retrataram os supostos perigos do Comunismo para os Estados Unidos e para o mundo. Em seu livro *I Was a Communist for the FBI: the unhappy life and times of Matt Cvetic*<sup>1</sup>, Leab escrutina a vida do civil Matthew “Matt” Cvetic que, como outros casos, atuou sob ordens do FBI como agente infiltrado no Partido Comunista dos Estados Unidos (CPUSA) coletando informações para o Birô. Ainda nesta obra Leab fez uma profunda análise do filme com título homônimo produzido pela Warner Bros., que em 1951 romanceou a vida dupla de Matt Cvetic em uma produção dirigida por Gordon Douglas e estrela por Frank Lovejoy e Dorothy Hart.

Também são de sua autoria dois artigos sobre outros filmes norte-americanos denominados “anticomunistas”: *Cortina de Ferro (The Iron Curtain, Willian Wellman, 20th Century Fox, 1948)*<sup>2</sup> e *Eu me Casei com um Comunista (I Married a Communist/ The Woman on Pier 13, Robert Stevenson, RKO, 1950)*.<sup>3</sup> Em ambos os textos, o autor chamou a atenção para a importância do gênero dentro da filmografia de Hollywood, bem como o papel da indústria cinematográfica norte-americana que, ao promovê-lo, contribuía para a formação de um estereótipo e rechaço tanto dos comunistas como da União Soviética.

No Brasil seus escritos foram regastados especialmente pelo historiador Alexandre Busko Valim que, ao escolher o filme *Eu Fui um Comunista para o FBI* para compor a sua lista de filmes analisados durante seu doutorado, destacou a importância de Leab para todo estudo que queira empreender uma história social do cinema de Hollywood durante a Guerra Fria.

As perguntas que a seguir se seguem correspondem a uma entrevista que realizei com o autor no clube *The Century* na cidade de Nova York no dia 15 de novembro de 2011 e complementos dessa conversa travados periodicamente via e-mail. A primeira pergunta da sessão, por exemplo, nasceu dessas mensagens trocadas eletronicamente. Explico meu interesse pela obra desse importante autor no fato de que, de forma semelhante ao professor Valim e inspirada por seu trabalho, realizo atualmente minha pesquisa de mestrado

sobre a representação do Comunismo em filmes de Hollywood considerados pró-soviéticos e anticomunistas. Como representante deste segundo gênero, o filme escolhido foi justamente *Eu Fui um Comunista para o FBI*. Na ocasião, a conversa esteve centrada no filme e nas reflexões sobre o anticomunismo e o “perigo vermelho” na vida dos norte-americanos durante os primeiros anos da Guerra Fria.

**Michelly:** *Professor Leab, ao ler a descrição da coleção de seus arquivos alocados na Biblioteca Reuther, na Universidade Estadual do Wayne, vê-se que o senhor nasceu na Alemanha. Quando o senhor se mudou para os Estados Unidos? Essa mudança esteve relacionada com as consequências da Segunda Guerra Mundial?*

Sim, eu nasci na Alemanha e meus pais saíram de lá por motivos óbvios em 1938. Nós escapamos do país apenas alguns meses antes da “Noite dos Cristais” [*Kristallnacht*, 9 de novembro de 1938], fato que durante muito tempo teve pouco significado para mim. Enquanto sobrevivíamos em Nova York, a família da minha mãe, principalmente, foi duramente afetada pelo Holocausto. Ela perdeu sua mãe, suas duas irmãs e respectivos maridos e filhos, assim como acabaria ocorrendo com quase todos os membros da família da minha avó materna. Dos meus muitos tios e suas famílias, apenas três irmãos sobreviveram: um veio aos Estados Unidos antes da Primeira Guerra, um segundo foi enviado para cuidar deste e um terceiro conseguiu se estabelecer no que era então a Palestina.

Desde os anos 1960 eu fiz muitos amigos alemães e acabei indo para lá algumas vezes no início dos anos 1970 para lecionar. Em duas dessas viagens à Alemanha minha estadia foi financiada pelo programa Fullbright. Na primeira ocasião estive na Universidade de Colônia e lá acabei fazendo muitos amigos. Mais recentemente, novamente com ajuda financeira da Fullbright, fui mais uma vez convidado a lecionar nesta mesma universidade.

Talvez eu devesse, mas não tenho fortes sentimentos pela Alemanha; mesmo porque hoje a maioria dos alemães ainda nem tinha nascido em 1945. Ainda existe um grande antissemitismo no mundo, em todos os lugares. Isso é um fato triste da vida. Até onde sei, contudo, nunca fui afetado por isso. Eu leciono em uma universidade católica, onde o reitor disse certa vez, “aquele que nunca pecou, que atire a primeira pedra”, e assim está escrito na Bíblia.

Durante anos os historiadores discutiram como muitas portas em todo o mundo haviam sido fechadas para os refugiados. Mais recentemente, acho que foi Tim Snyder o último a escrever sobre os campos de extermínio na Europa Central e Oriental. No entanto, ninguém, nem mesmo os alemães, fez muito

barulho sobre o fato de que guerras religiosas e a Guerra dos Trinta Anos, por exemplo, mataram quase um terço da população da Alemanha. Não há nenhuma desculpa para isso ou para o Holocausto, mas você tem que conviver com o que aconteceu. Meus amigos alemães, independente de suas visões políticas, nasceram após a Segunda Guerra Mundial, e me parece errado acreditar que eles possuem os mesmos defeitos daqueles que nasceram depois de 1933. Talvez seja um erro meu, mas é dessa forma que eu penso.

**Michelly:** *Professor Leab, quais forças o motivaram a iniciar sua pesquisa com temas relacionados ao universo político-cultural norte-americano durante a Guerra Fria?*

Em linhas gerais, interessei-me pelos temas relacionados à intolerância humana. Para alguns pode parecer um motivo ingênuo, mas posso dizer que fui de tal forma tocado pelo que vi e o que vejo, tanto na literatura sobre o tema como nas fontes analisadas, que senti que deveria conhecer as forças que estavam motivando esses acessos de fúria e raiva que estavam acontecendo neste país durante esse período. [David] Cauter uma vez utilizou a expressão “empapado em medo” para descrever o sentimento de muitos americanos durante o final dos anos 1940 e em boa parte dos anos 1950. Segundo esse autor, este período caracterizar-se-ia por um “tempo de suspeitas”, onde uma espécie de fetiche com o Comunismo dominou a sociedade americana.<sup>4</sup> Quero ilustrar com isso que a “fixação” dos americanos com a ameaça representada pelo comunismo a que Cauter alude não se viu presente apenas nos setores da política, como por exemplo, as Ordens Executivas sancionadas por Truman em seu governo ou pelos depoimentos tomados pelo Comitê de Atividades Antiamericanas [*House on Un-American Activities Committee* – HUAC]; mas pôde também ser percebida dentro do funcionalismo público, no mercado de trabalho, nas escolas e nas universidades. Era uma atmosfera de verdadeiro terror. Anos mais tarde, na Columbia, quando o país pareceu entrar em uma nova fase de sua luta contra o Comunismo, pelo menos de maior sofisticação na ideologia empregada, comecei a questionar esse paralelismo latente entre esses dois blocos. Dessa forma, atribuo a essa atmosfera que eu pude presenciar, e que hoje tanto nos consterna, a força motivadora para que eu empreendesse minhas primeiras tentativas de reflexão sobre a Guerra Fria, em especial sobre sua produção cultural, aspecto que avalio ter um importante papel na continuação deste estado de tensão.

Por outro lado, não me considero um especialista *per se*, mas um “generalista” que escreve sobre temas que de alguma forma o preocupam. Se você notar, cada um dos meus livros trata de um diferente tema,

variando desde a organização de funcionários “colarinho branco” de jornais, passando para a imagem do negro no cinema americano até o financiamento e distorção da CIA do filme *Animal Farm* [Joey Batchelor, John Halas, Louis de Rochemont Associates, 1955] inspirado na obra homônima de George Orwell, publicada pela primeira vez em 1945. Com isso, você pode perceber que, ao contrário de muitos colegas no campo da História, eu não continuei a minar o mesmo campo de estudo repetidas vezes. Não tenho nenhum propósito intelectual obscuro a seguir e não poderia reescrever sobre o mesmo assunto sempre.

**Michelly:** *Qual sua avaliação sobre o papel do cinema no fomento e manutenção do anticomunismo norte-americano?*

Eu sempre gostei de filmes e por muitos anos ministrei cursos sobre seus impactos. Uma das generalizações de nosso tempo é dizer que houve muitos filmes anticomunistas produzidos. Não houve. Você pode contá-los, o que é fato raro, dadas as centenas de produções que Hollywood lançava e lança anualmente. Em 1984, um amigo meu, responsável por meu envolvimento no projeto da *The Open University*, no Reino Unido, estava editando uma edição especial do *Journal of Contemporary History* e me pediu uma contribuição. Para essa ocasião escrevi sobre um dos filmes anticomunistas mais icônicos dos anos 1950, uma produção da RKO chamada *Eu me Casei com um Comunista*. O tema parecia interessante e meu estudo se deu justamente no tempo em que os arquivos do estúdio abriam-se pela primeira vez para pesquisa. Assim, ao ter essa primeira experiência com análise fílmica, determinei que gostaria de seguir um pouco mais por este caminho e foi isso o que fiz.

Até o advento da televisão e sua inserção definitiva na vida do americano médio, tendência que se completou em meados dos anos 1950, o cinema era a opção de entretenimento preferida da população. Além de uma forma de divertimento e distração, o cinema oferecia, até a metade do século passado, a única fonte de notícias animadas sobre os mais diversos eventos. Sua importância havia sido capital na Segunda Guerra Mundial, quando manteve os americanos informados sobre as últimas conquistas das tropas no *front* de batalha. Os filmes também assumem uma importância ímpar quando vistos a partir de suas potencialidades ideológicas e os episódios da Segunda Guerra Mundial e, posteriormente, da Guerra Fria, trataram de por em relevo esta característica que poderia ser assumida, quando conveniente, pelas produções hollywoodianas.

Além de sua força ideológica, Hollywood também se mostrou especialmente ágil em modificar-se para dar conta de refletir os debates e

questões que vigoravam em uma determinada época. Emblemático nesse caso são os filmes pró-soviéticos produzidos pelos estúdios americanos durante o período de 1942-1945, com especial destaque justamente para o filme que você estuda, *Missão em Moscou* [*Mission to Moscow*, Michael Curtiz, Warner Bros., 1943]. A ocorrência dos filmes pró-soviéticos é particularmente interessante quando notamos que os russos nunca haviam sido apresentados de uma forma muito favorável no cinema americano, nem mesmo antes da Guerra Fria (por isso mesmo é uma falácia dizer que o gênero de filmes anticomunistas data do início deste conflito, pois sua ocorrência remonta, na verdade, a produções da década de 1920!). A capacidade de Hollywood de trazer assim, em um espaço de tempo tão curto e com uma capacidade inventiva notável, uma novíssima interpretação sobre a União Soviética – favorável e idealizada – é digna de nota. A habilidade de relançar um gênero em voga nas épocas anteriores, o anticomunismo, pouquíssimo tempo depois do aparecimento das produções pró-soviéticas, também o é.

Um segundo exemplo de como Hollywood tentou acompanhar as mudanças na política e na sociedade de seu país foi justamente a maneira como se deu o reaparecimento de filmes anticomunistas entre as produções de seus mais conhecidos estúdios. Lembremos para isso do primeiro filme anticomunista lançado na Guerra Fria, *Cortina de Ferro* (1948). Um ano antes, mais precisamente em outubro de 1947, o HUAC havia feito sua investida contra a indústria de cinema, acusando-a de empregar inúmeros funcionários membros do Partido Comunista. No entanto, na temporada de 1946 e somente um ano após o final da Segunda Guerra, houve uma interessante tendência de lançamento de produções que lidavam abertamente com temas sociais e dramas psicológicos, tais como a intolerância e o fanatismo religiosos, como vistos em *Rancor* [*Crossfire*, Edward Dmytryk, RKO] e *A Luz é Para Todos* [*Gentlemen's Agreement*, Elia Kazan, 20th Century Fox; o alcoolismo, presente em *Desespero* [*Smash-Up: the story of a woman*, Stuart Heisler, Universal-International]; a esquizofrenia, um dos temas de *Fogueira da Paixão* [*Possessed*, Curtis Bernhardt, Warner Bros.] e corrupção política, em *Ambiciosa* [*The Farmer's Daughter*, H.C. Potter, RKO]. Após as acusações feitas pelo Comitê no ano posterior, estes tipos de problemáticas foram sumariamente excluídos dos filmes hollywoodianos nos anos subsequentes. A publicidade em torno do caso, da suposta presença comunista em Hollywood, fez com que os estúdios mais que prontamente respondessem a essas acusações, utilizando para isso suas produções.

A eficácia dos filmes anticomunistas, em termos de bilheteria, foi mediana. Em um tempo em que a indústria do cinema dava seus primeiros sinais de declínio, alguns executivos dos estúdios, principalmente os irmãos Warner e Louis B. Mayer, da MGM, mostravam-se receosos com o comportamento



que tais filmes, orientados politicamente de tal forma, teriam em termos de lucros. Além disso, talvez justamente por este receio, não podemos dizer que as produções anticomunistas do início dos anos 1950 primavam por sua qualidade estética. A maioria dos filmes do gênero pode ser mais bem qualificada como produções de baixo ou mediano orçamento, cuja produção esteve nas mãos daqueles especializados em filmes “B”, como o produtor Bryan Foy, da Warner. Alguns filmes conseguiram até gerar algum lucro para o estúdio que o havia encomendado, pagando todo o investimento inicial com produção e publicidade, mas não houve, pelo menos nesse primeiro decênio, nenhum filme anticomunista que tenha se convertido em um sucesso de bilheteria. Eram produções modestas em sua grande maioria.

No entanto você me pergunta o que estes filmes e sua ocorrência regular no primeiro decênio da Guerra Fria poderiam evidenciar sobre o conflito, principalmente para o imaginário social norte-americano. É o que tentei ressaltar em meus trabalhos: eles demonstram a capacidade de Hollywood de mais que rapidamente adaptar-se às questões do dia e reorientar-se de acordo com os debates políticos vigentes. Aparentemente não houve nenhum problema para Hollywood em representar os russos em uma nova e positiva roupagem durante a Segunda Guerra Mundial; da mesma forma, os executivos não pareciam entrar em contradição quando reassumiam a produção de filmes anticomunistas apenas três, quatro anos depois. Essa capacidade de mutação dessa indústria do entretenimento é interessante e ainda pode gerar bons trabalhos que se disponham a interpretá-la.

**Michelly:** *O Departamento de História da Universidade de São Paulo sediou na semana passada o primeiro Encontro sobre Estudos da Guerra Fria [I Encontro Sobre Estudos da Guerra Fria, ocorrido entre os dias 7 a 9 de novembro de 2011]. Observando as apresentações, identificou-se que muitas das pesquisas apresentadas estavam relacionadas ao campo das Relações Internacionais. Estudos apoiados no Cinema como campo para fontes primárias também foram apresentados, embora em considerável menor número. Como o senhor avaliaria esse quadro?*

Muitas vezes encontros dessa natureza, colóquios, congressos e seminários, acabam pautados por alguns temas que se sobressaem sobre os demais tendo em vista sua ocorrência. Vejo alguns fatores contribuindo para este cenário. O campo das Relações Internacionais pode ter aparecido com frequência neste caso por ser atualmente uma fecunda e forte área de pesquisa na historiografia, embora infelizmente eu careça de mais informações sobre este aspecto no Brasil, o que obviamente me impede de realizar neste momento uma

avaliação mais profunda. Por outro lado, uma segunda chave explicativa poderia vir do fato do tema constituir uma tradição historiográfica em escala mundial, e, em minha opinião, este é o caso para o campo das Relações Internacionais. A Guerra Fria foi um fenômeno de escalas globais, que dividiu o mundo a partir das zonas de influência socialistas e capitalistas e seria razoável pensar que pesquisadores provenientes de todas as partes do mundo se pusessem a pensar sobre como este conflito, acima de tudo ideológico, teria afetado suas vidas, ou como o governo de seus países haveria estabelecido relações com os governos líderes dos dois blocos, o americano e o soviético.

Quando você menciona a escassez de estudos sobre cinema no referido encontro é até certo ponto difícil fazer uma avaliação que se almeje mais detalhada, pois não sei quantos filmes anticomunistas datados da década de 1950 acabaram estreando no Brasil...

**Michelly:** ...acredito que número é considerável, professor. Segundo o livro de Alexandre Busko Valim, (*Imagens Vigeadas: cinema e Guerra Fria no Brasil, 1945-1964, Maringá, EDUEM, 2010, que na ocasião teve uma cópia oferecida ao professor Leab*), os filmes mais conhecidos do gênero e lançados nesse período também foram distribuídos em nosso país, como por exemplo, *A Cortina de Ferro, Eu Fui um Comunista para o FBI (I Was a Communist for the FBI, Gordon Douglas, Warner Bros., 1951) e Aventura Perigosa (Big Jim McLain, Edward Ludwig, Warner Bros., 1952)*.

Mas não basta que o filme tenha sido lançado no país, correto? Depois dessa informação, uma tarefa ainda mais difícil se inicia: conseguir cópias confiáveis dos filmes, que não são necessariamente a primeira escolha para uma noite de sábado dos responsáveis pela programação dos canais televisivos abertos e fechados. Neste caso é preciso muitas vezes contar com a sorte de encontrá-los nos acervos de colecionadores ou no que há de novo no mundo da Internet. Outra segunda dificuldade provém do mapeamento e acesso a fontes relacionadas ao filme e que mostram detalhes sobre sua pré-produção, compra dos direitos de adaptação, versões do roteiro, material de divulgação e seus números de bilheteria. A maneira mais fácil de chegar a essas informações, segundo minha experiência de pesquisa, é ir diretamente aos arquivos dos estúdios que lançaram o filme, ou filmes, que se deseja pesquisar. Assim, o estudante que queira trabalhar com filmes da 20th Century-Fox e RKO, por exemplo, terá irremediavelmente que ir à Universidade da Califórnia (UCLA), aqueles que desejam estudar as produções da Warner Bros. terão que ir à Universidade do Sul da Califórnia (USC) e à Universidade de Madison-Wisconsin e os que querem se enveredar pelas produções Disney terão que



enfrentar as resistências de acesso impostas por seu próprio arquivo, localizado nas imediações do estúdio, também em Los Angeles.

Estes entraves podem minar a iniciativa de pesquisas de estudantes de países não tão próximos geograficamente aos Estados Unidos, embora o mundo moderno tenha criado possibilidades para driblar esses percalços, como os arquivos eletrônicos e a opção de contrato de um *free lance researcher*.

**Michelly:** *Quando começaram suas aproximações com a história envolvendo Matt Cvetic, o FBI e posteriormente a produção da Warner Bros., Eu Fui um Comunista para o FBI?*

Nos anos 1980 eu estava interessado nas atividades do FBI envolvendo espionagem de membros do Partido Comunista ou indivíduos considerados simpatizantes das causas comunistas, ação cujo início remontava do final da Primeira Guerra Mundial. O FBI havia empreendido tal monitoramento com vários degraus de intensidade, iniciativa que coincidia com a própria formação do CPUSA, ainda no final da década de 1910. A vigilância envolvia um detalhado escrutínio de todas as funções e publicações do partido, além do uso de espionagem eletrônica, escutas clandestinas e agentes disfarçados.

No final dos anos 1940 e no início dos anos 1950, muitos desses agentes duplos tiveram suas identidades reveladas a fim de que pudessem testemunhar em julgamentos ou perante comitês do Congresso, especialmente o HUAC, cuja contribuição do FBI foi primordial para aumentar o seu poder de fogo contra aqueles acusados de serem comunistas. Os funcionários de J. Edgar Hoover, o rigoroso diretor da instituição, sistematicamente atualizavam os membros do HUAC com informações supostamente restritas e confidenciais retiradas dos volumosos arquivos do FBI, além de fornecer ao Comitê inúmeras “testemunhas amigáveis”, homens e mulheres desejosos de reportar inúmeros nomes de pessoas com suposta filiação ao partido.

Matthew Cvetic foi um destas testemunhas. De acordo com seu relato sobre o início de suas atividades, representantes do FBI o haviam contatado ainda em 1941 sobre a possibilidade de se infiltrar como novo membro do Partido Comunista na cidade onde vivia, Pittsburgh, no estado da Pensilvânia. A tarefa ainda envolveria revelar à divisão do FBI da cidade informações sobre os encontros do partido, conteúdo dos materiais de propaganda e, mais importante, o maior número possível de nomes de filiados. Em 1943, Cvetic conseguiu entrar na seção do CPUSA de Pittsburgh e viria a trabalhar como informante do FBI por nove anos, até seu aparecimento perante o HUAC para contribuir justamente como “testemunha amigável” nos processos sobre a presença comunista naquela região do país. Como tentei demonstrar em meu

livro, ele depôs perante o HUAC em seis ocasiões durante os meses de Fevereiro e Março de 1950. Durante estas audiências, Cvetic delatou aproximadamente 300 pessoas acusadas de serem comunistas.

A aparição de Cvetic perante o HUAC foi noticiada com grande estardalhaço pela mídia, especialmente a local, transformando o ex-funcionário público do Serviço de Empregos de Pittsburgh em uma celebridade instantânea. O papel de Cvetic para a perseguição ao Comunismo dentro do país não se limitou, contudo, a seus testemunhos no HUAC. Cvetic serviu como uma importante fonte para o governo em diversos processos de deportação, já que sua ascendência eslovena lhe houvera permitido fazer parte da União Americana de Imigrantes Eslovenos, um “reduto” de comunistas na avaliação de Cvetic. Ele também foi uma testemunha chave em vários processos em instâncias federais e estaduais do governo sobre o Partido Comunista e sobre suas “mais importantes” organizações. Por fim, ele também testemunhou perante uma série de comitês federais, estaduais e extragovernamentais, além do HUAC. Toda essa exposição gerou um interesse ainda maior da mídia americana sobre seus feitos, o que por sua vez despertou a atenção de alguns estúdios de Hollywood para uma possível adaptação da história para as telas de cinema. Durante os primeiros anos da década de 1950, o nome de Matt Cvetic era de relativo rápido reconhecimento nos Estados Unidos, dada sua inusitada e à época considerada “sacrificial” história.

Fiz minha primeira solicitação ao FBI sobre os papéis relacionados a Cvetic sob artifício do *Freedom of Information Act* [FOIA] em Julho de 1988. Um primeiro lote de materiais chegou às minhas mãos quase um ano depois, em Maio de 1989. A este primeiro lançamento, seguiram-se outros envios, um ainda no ano de 1989 e o terceiro e último já em 1990. Ao começar a estudar as inúmeras páginas de relatórios, pude de imediato perceber a riqueza do material por conter ali informações preciosas tanto sobre o que parecia ser o papel do FBI na caça a comunistas, bem como sobre a posição do FBI sobre esta figura, Cvetic, desde os tempos em que levava sua vida dupla até sua fama repentina como testemunha governamental. O otimismo com estas fontes só era quebrado quando me deparava com as constantes supressões que os documentos continham.

Nesta época, um outro amigo meu, que editava a *Pennsylvania Magazine of History and Biography*, gostaria de atualizar os temas abarcados pela revista para o século XX e também me pediu ajuda neste sentido. Eu já sabia bastante sobre Cvetic e o pedido de contribuição coincidiu com a abertura dos arquivos da Warner Bros., o que me possibilitaria pesquisar sobre o filme feito baseado em sua história. Quando o número da revista foi lançado [1991]<sup>5</sup>, o editor da Universidade da Pensilvânia pensou que o artigo daria um bom livro e assim

eu expandi minha pesquisa a fim de que minha escrita pudesse agora preencher este formato de publicação.

Dessa forma, tudo começou quando resolvi escrever sobre Cvetic e sobre filmes anticomunistas e, assim, foi apenas um salto natural acabar escrevendo sobre testemunhas anticomunistas, das quais Cvetic é um dos primeiros exemplos. O livro nasceu de um artigo, que por sua vez foi escrito um tempo antes e sob solicitação de um amigo que gostaria de salvar sua revista de suas antiquárias políticas.

Para minha sorte, a história de Cvetic tinha muitos elementos. Os arquivos do FBI representaram o início de minha jornada de pesquisa, que também se viu complementada por fontes fornecidas pelo próprio, através de suas memórias e pela imprensa que recontou suas “aventuras” e “sacrifícios”, por seus críticos e pelas obras ficcionais que se basearam nos feitos de Cvetic, isto é, o filme lançado em 1951 pela Warner Bros. e a série radiofônica da Ziv Company estrelada por Dana Andrews no papel de Cvetic. A aproximação com o filme foi assim natural, necessária e complementar. Senti que era preciso estudar a vida de Matt Cvetic a partir desses vários aspectos a que aludi, e o filme *Eu Fui um Comunista para o FBI* era decididamente um deles.



**Figura 1** - Matt Cvetic posa para foto com exemplos de livros encontrados em uma operação de busca em uma casa alegadamente descrita como “local para encontro de Comunistas” Fonte: LEAB, Daniel. *I Was a Communist for the FBI: the unhappy life and times of Matt Cvetic*.



**Figura 2** - Matt Cvetic falando em um comício organizado por estudantes da Universidade da Califórnia (UCLA) em 25 de Abril de 1962. Fonte: Coleção de fotos da Biblioteca Pública de Los Angeles.

**Michelly:** *A posição de Matt Cvetic como agente duplo do FBI, seu posterior espaço como testemunha governamental e o destaque que ele ganhou na mídia americana parecem evidenciar uma curiosa faceta da Guerra Fria de dentro dos Estados Unidos. O senhor poderia nos dar mais detalhes sobre outras pessoas que aceitaram exercer função semelhante à realizada por Cvetic?*

Aqui você toca em uma questão importante. De fato, a vida dupla que Matt Cvetic teve por sete anos, de aparente membro do Partido Comunista e de informante do FBI, esteve longe de ser um caso único na história do anticomunismo norte-americano. Os casos mais recordados pela historiografia, além de Matt Cvetic, são certamente os de Louis Budenz, o antigo editor do jornal *Daily Worker*, e o escritor Whittaker Chambers. Ambos informantes pagos do FBI, grande parte de sua notoriedade na época pode ser creditada ao fato de terem participado como testemunhas oficiais do governo em importantes julgamentos de lideranças do partido ou de casos notórios de espionagem, como o de Eugene Davis, Secretário Geral do Partido e o de Alger Hiss, funcionário do governo norte-americano como membro do Departamento de Estado e das Nações Unidas. Ainda podemos citar outros casos notórios, como o de Elizabeth

Bentley, John Lautner e Herbert Philbrick, que foram por sua vez estudados em detalhe por Herbert Packer, em trabalho publicado ainda em 1962.<sup>6</sup>

A vida de privações e infortúnios que muitos desses informantes e contraespões alegaram passar quando aceitaram trabalhar para o FBI deve ser até certo ponto relativizada. Vejamos o caso de Cvetic, por exemplo. No início de suas aproximações com o Birô, ainda no começo dos anos 1940, ele alegou que os primeiros agentes do FBI a fazerem contato o alertaram de que ele não seria recompensado financeiramente pela tarefa que viria a assumir. A informação, recontada pelo próprio Cvetic inúmeras vezes logo após seu aparecimento na grande mídia, serviu para catalisar os elogios de editoriais e de manchetes sobre a grande provação que Cvetic aceitara passar. No entanto, como atestado nos relatórios ao FBI, Cvetic, começou a receber pagamentos semanais por sua colaboração logo que conseguiu ingressar no partido. A quantia, no início, era essencialmente simbólica, mas assumiu um caráter bem mais substancial – se não me engano, de quase cem dólares por semana – em seus últimos anos como agente duplo. O quarto comum de subúrbio em que Cvetic vivia, como mostrado na produção da Warner, também parece se afastar bastante das reais acomodações que ele desfrutou em seus anos como agente duplo. Durante esse período, Cvetic morou em um dois maiores e mais caros hotéis de Pittsburgh, estabelecendo-se na local através do uso de pseudônimos. Cvetic também não manteve com o rigor declarado a natureza confidencial de seu trabalho para o FBI. Também de forma diferente ao que vemos no filme *Eu Fui um Comunista para o FBI*, algumas pessoas de sua família, bem como amigos mais próximos, sabiam da vida dupla que ele levava e o fato, como também notado nos relatórios do Birô, era invariavelmente usado por ele em suas estratégias de sedução em suas investidas amorosas. Estes pequenos detalhes da vida de Cvetic servem para ilustrar que, apesar do que ele havia declarado e sobre o que dele haviam escrito e romanceado, sua vida como agente duplo não tinha sido marcada apenas por sacrifícios e altruísmos.

Da mesma forma, os episódios que se seguiram após sua aparição demonstram um curioso desenlace para essa história: em seus primeiros depoimentos, o HUAC confiou firmemente nos seus testemunhos, mas à medida que Cvetic era chamado para novos testemunhos em outros julgamentos, sua capacidade inventiva começou a aflorar. Ele sistematicamente começou a inventar fatos e situações, quando haveria supostamente passado iminente perigo nas “mãos dos comunistas”. As atribuições de sua posição como agente duplo também foram sumariamente aumentadas. Após algum tempo, Cvetic já era sinônimo de preocupação para o FBI e o Birô começou a desencorajar seu uso como testemunho oficial. Nesse período, Cvetic voltou-se então para a promoção por conta própria de suas “façanhas”, tentando agendar palestras em universidades e centros comunitários. Pouco a pouco, a história em torno



de sua figura foi perdendo o fascínio e Cvetic paulatinamente perdeu o espaço que havia conquistado nas manchetes de jornais no início da década. Quando ele faleceu, vítima de um ataque cardíaco fulminante em 1962 na cidade de Los Angeles, os tempos dourados de sucesso já faziam parte de um longínquo passado. Seu ostracismo viera acompanhado de seu divórcio, sua entrega às bebidas e crises emocionais recorrentes. O FBI e seus agentes, que em princípio enxergaram nesse homem comum a possibilidade de descobrir mais detalhes sobre a ação comunista em Pittsburgh, haviam-lhe esquecido após serem quase ridicularizados pelas declarações fantasiosas de Cvetic, que chegou a declarar publicamente sua desconfiança sobre a dedicação à bebida e os hábitos sexuais de seu diretor, Hoover.

Cvetic, bem como os demais informantes e agentes duplos recrutados pelo FBI no contexto da Guerra Fria, não merece os elogios com o quais sua história foi recebida no início daquela década. Ele traiu seus amigos tanto antes como depois de seu caso vir à tona; viveu uma enganosa e costumeira vida, prejudicada por seu histórico de alcoolismo, sua fama de mulherengo e sua instabilidade emocional. Por causa de uma mesquinha cobiça por glória, ele prejudicou a si mesmo, sua família e inúmeras pessoas. Apesar de todos esses seus defeitos, parece-me que Cvetic é, no final das contas, uma figura triste, assim como sua vida é uma triste história – não porque ele provou ser incapaz de lucrar adequadamente com suas experiências com o FBI, ou porque a mídia o explorou e nem mesmo porque o FBI lhe deu as costas quando ele talvez realmente precisasse de sua ajuda. A tristeza para mim está no fato de que alguém como Cvetic tenha tido o impacto que ele teve e que os modelos da sociedade America tenham se tornado tão distorcidos para que fossem precisos anos até que os depoimentos fantasiosos de Cvetic fossem questionados como provas válidas na corte.

Em última instância, também devemos lembrar que a fama que Cvetic gozou não poderia ser alcançada sem a histeria anticomunista que outrora permeava a vida americana. Sem este contexto seria praticamente impossível crer que uma história com desdobramentos tão fantásticos tivesse ganhado a importância e notoriedade conseguidas nos Estados Unidos de então.

**Michelly:** *Como o filme Eu Fui um Comunista para o FBI acabou afetando a vida de Cvetic?*

O lançamento do filme pela Warner, na primavera de 1951, foi o ponto alto da carreira e vida de Matt Cvetic. O filme potencializou ainda mais sua fama pelo país – que já havia sido conquistada um ano atrás com as inúmeras manchetes de jornais e revistas que noticiaram enfaticamente seus “feitos”.



Financeiramente, contudo, o filme não lhe trouxe muitos benefícios, como nenhuma dessas manchetes, já que o dinheiro que o estúdio lhe havia pago pela adaptação da história teve que ser dividido, segundo normas de contrato, com seus “colaboradores” de longa data, ou seja, as pessoas que ajudaram Cvetic a trazer sua história ao HUAC, já que o FBI o havia abandonado anos antes depois de se fartar dos surtos de estrelismo e engenhosidade de Cvetic em inventar histórias e situações envolvendo os comunistas. Como parte da estratégia de divulgação do filme, o estúdio contratou Cvetic para que pudesse viajar para algumas cidades a fim de acompanhar as sessões de exibição do filme, posando para fotos, falando com possíveis jornalistas presentes, dando mais declarações sobre como o caso havia afetado sua vida. Embora um emprego temporário, nada mal para um simples funcionário de uma agência governamental: ser contratado diretamente por um dos maiores estúdios de Hollywood para promover o *seu* filme.

Para mim, *Eu Fui um Comunista para o FBI* acaba, no entanto, falando mais da capacidade de se reinventar de Hollywood do que especificamente sobre a vida de Cvetic. Mesmo em uma indústria dada a hipérboles, Jack Warner, o chefe de produção do estúdio, obviamente exagerou na sua encenação. Mistura de drama policialesco, com elementos do gênero *noir* e uma pretensão ao *status* de documentário, o roteiro tentou elevar até a última escala possível o sofrimento que teria sido causado à vida pessoal de Cvetic desde o momento em que ele aceitou a oferta do FBI. Como outros executivos dos grandes estúdios, Warner procurava assim um novo gênero que pudesse parar a erosão nas bilheterias de cinema que se iniciara ainda no final da década de 1940. Ao mesmo tempo, ao fazer sua primeira incursão no gênero anticomunista, a Warner tentava assim atestar sua “profissão de fé” contra as acusações da HUAC de que um dos seus filmes lançados em 1943, justamente *Missão em Moscou*, seria nada mais do que propaganda subversiva comunista.

Carregado de clichês da Guerra Fria e simplista, o filme obteve números bem modestos de bilheteria. O fato de que tenha sido indicado na categoria de “Melhor Documentário” dos Prêmios da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas pode também nos fornecer indícios da decadência, não apenas econômica, mas também estilística que Hollywood vivia naquele momento.

Houve muitos outros anticomunistas, até mais ferrenhos e conhecidos que Cvetic. Suas chamas podem ter em seu tempo brilhado mais que a de Cvetic e seus destinos podem ter sido menos infelizes, mas muito se passou desde que esses indivíduos travaram suas batalhas contra o Comunismo. Cvetic, contudo, continua sua luta como um comunista para o FBI cada vez que uma rede de televisão exhibe o seu filme. Não importa quão ruim o filme seja, não importa o quão longe da realidade ele se posicione, *Eu Fui um Comunista para o FBI* continua a formar a imagem do espectador sobre Matt Cvetic. Para nós, a

Guerra Fria acabou, o “império do mal” se desmoronou, mas na televisão *Eu Fui um Comunista para o FBI* permanece história e realidade.

## NOTAS

<sup>1</sup> LEAB, Daniel. *I Was a Communist for the FBI: the unhappy life and times of Matt Cvetic*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2000.

<sup>2</sup> \_\_\_\_\_. “‘The Iron Curtain’ (1948): Hollywood’s first Cold War movie”. *Historical Journal of Film, Radio and Television*, v. 8, n. 2, p. 153-188, 1988.

<sup>3</sup> \_\_\_\_\_. “How Red Was my Valley: Hollywood, the Cold War film, and ‘I Married A Communist’”. *Journal of Contemporary History*, v. 19, n. 1, jan., p. 59-88, 1984.

<sup>4</sup> CAUTE, David. *The Great Fear: the Anti-Communism purge under Truman and Eisenhower*. New York: Simon and Schuster, 1978.

<sup>5</sup> LEAB, Daniel. “Anti-Communism, the FBI, and Matt Cvetic: The ups and downs of a professional informer.” *The Pennsylvania Magazine of History and Biography*, v. 115, n. 4, p. 535-581, oct. 1991.

<sup>6</sup> PACKER, Herbert. *Ex-Communist Witnesses: four studies in fact finding*. Stanford: Stanford California Press, 1962.

**Entrevista recebida em junho de 2012. Aceita em agosto de 2012.**